

Confissões singulares sobre uma secretária exemplar

Conto de José Alberto de Souza*

Tudo corria bem até ontem. Estou tristíssimo pela tragédia acontecida no meu escritório e, também, na minha vida. Mas, não é necessário remoer tristezas e acontecimentos negativos, decorrido tão pouco tempo.

Vamos aos fatos.

Minha secretária era de excelente qualidade: esteticamente bela, limpa, sólida até ontem, correta em seu trabalho específico. Informava-me as mensagens recebidas com absoluta fidelidade, sem erros, sem acréscimos nem omissões, sem mentiras nem meias verdades. Autêntica e correta ao captar e transmitir recados curtos ou longos, simples ou complexos, amistosos ou ameaçadores, conclusivos ou paliativos. Sim, era desse modo minha secretária. E de custo-benefício positivo por seu desempenho nas tarefas executadas, sempre ligada na sua atividade diária, trabalhadora, assídua, pontual, sem limites de horário para trabalhar, experiente na sua missão cotidiana. Jamais adoeceu, mesmo um dia sequer. Nunca sentiu dor de cabeça, muito menos enxaqueca, como é lógico. Obediente ao meu comando, só parava se eu determinasse para fazê-lo. Não sofria TPM, mas, se tinha, ninguém sabia, ninguém notava...

Discreta, coerente, sempre atenta às minhas determinações. Por isso, até ciúmes eu tinha de quem tocasse nela. Nunca, jamais, em tempo algum discuti com meus clientes, tampouco os destratou.

Não ia ao médico, ao dentista, ou a qualquer outro profissional de saúde. Tinha uma saúde de ferro, na verdadeira acepção da palavra. Falava apenas o essencial, quando requisitada, exigida. Posso afirmar, com absoluta certeza, ter sido ela perfeita, ou quase perfeita, pois a perfeição deve ser reservada para Jesus Cristo. Também não tinha inveja de ninguém. Beleza pura, não acham?

Por tudo isso, eu tinha uma admiração toda especial por ela. E não era para menos. Pensava até não existir outra igual a ela.

Rica assim de tantos bons predicados, como você deixou essa secretária desaparecer?! - perguntarão

todos.

Vou relatar tintim por tintim. Antes, porém, lembrei-me ainda: ela tinha um inexpressivo lado frágil. E qual era? Ora, em nenhuma oportunidade, durante vários anos de trabalho, ela cogitou de seu futuro ou ambicionou melhoria de vida para si. Era desambiciosa, qualidade não positiva para os negócios.



Agora, sim, vou satisfazer a curiosidade de todos. Pois, vejam!

Estava eu matutando sobre as tarefas e obrigações do dia quando uma pessoa inconveniente e detestada por mim invade o escritório sem mais nem menos. Desesperado, parti para recolher e proteger alguns documentos importantes espalhados sobre o meu birô de trabalho. Com a ânsia de atingir meu desejo, enganchei o pé no fio elétrico da minha secretária eletrônica. Num átimo, ela estava no chão em pedaços, imprestável, inconsertável, destruída para sempre, tal a força do puxão do meu pé.

Importante: o "que" foi abolido no texto acima.

* Associado da AABNB

MENINA DO SERTÃO

("poema gravado em forma de canção" - CD Cantigas do Sertão)

Talis Ribeiro e Alberto Oliveira

Porque a lágrima da menina...

Quem é que paga pelo sonho
derramado?

Enxugue o pranto da menina do
cerrado...

Quem é que paga pelo sonho
derramado?

Enxugue o pranto da menina...

Lenço branco no cabelo

E a tristeza no olhar

Uma lágrima pequenina

Que desce para o chão molhar

Quem é que paga pelo sonho
derramado?

Quem é que paga pelo sonho...

Sereno da madrugada
Lava o sangue derramado

Vento frio do sertão

No lamento pranteado

Acaba o sonho da menina do
cerrado

Acaba o sonho da menina...

Acaba o sonho da menina...

Acaba o sonho da menina do
cerrado

Acaba o sonho da menina do
cerrado

Quem é que paga pelo sonho?

Doze, treze em sua vida,

E o vestido azul-turquesa

Lua clara na retina

Choro da quase princesa

Porque a lágrima da menina do
cerrado

Alberto de Oliveira Rodrigues,
Recife - Telefone (81)
3422.9068, Associado da
AABNB

Embalagem para picolés

Arnóbio Cândido de Almeida*

Você, que é intelectual, já pensou seriamente em uma análise dos costumes típicos das nossas cidades do interior?

O meu tema, como sempre é a minha terra natal, o Icó das mucamas, das babás, dos sobrados, do "bumba meu boi", do cabriolet, das liteiras, e do entrudo pagão, do qual era vencedor o grupo que conseguisse molhar o vigário da freguesia, nessa época, o Mons. Manuel Francisco da Frota, de imorredoura memória, pela austeridade e rigidez dos costumes. Como uma avezita amedrontada do estilingue perseguidor, a cidade rejeitou os favores da R.V.C., em ramal para a atual cidade de Orós, no temor de perder a sua tranqüilidade, e, só em 1925, a aquisição de uma locomotiva destinada à iluminação elétrica, marcou a primeira etapa da nossa evolução. Esse acontecimento teve grande repercussão em nosso meio, a ponto de ser essa caldeira conduzida em triunfo pelas ruas da cidade, não sabendo eu, ao certo, se fora rebocada por um caminhão GMC, o mesmo que transportou os trilhos de estrada de ferro, que, ainda hoje, servem de postes de iluminação, ou se por juntas de bois atreladas para carros. Por falar em carro de bois, frizo que esse método é ainda adotado em nossa cidade, para transporte de material de construção, tendo desaparecido o simbólico "carro de carneiro", causa de grande entusiasmo para um missionário italiano que em tempos remotos, e em plena estação invernososa, visitou nossas plagas, transportando-se a cavalo, da vizinha cidade de Iguatu, transpondo o rio Salgado nas nossas frágeis canoas, atualmente inúteis, em virtude da construção da Ponte Piquet Carneiro em 1939. Comenta-se, em rodas íntimas, uma série de fatos cômicos sucedidos na evolução dos costumes icoenses, os quais deixo de enumerar por tratar-se de casos humanamente impossíveis, embora sejam admitidos como verídicos. Assim, em 1932, com a construção do açude Lima Campos, foi a sertaneja "Princeza" bruscamente despertada para a transnordestina Fortaleza-Recife, com o seu cortejo de turistas e imigrantes precursores das indústrias, do cinema falado, do rádio, enfim, de nossa civilização. Data daí o advento do nosso progresso, marchando a passos de tartaruga, mas, já é uma grande coisa, e aqui, antes de encerrar esta narrativa, quero dar notícia da instalação de uma elegantíssima sorveteria que satisfaz ao mais apurado gosto da nossa sociedade local, enquanto a distribuição de picolés a domicílio revoluciona a nossa garotada e arruína a bolsa dos pais. Um dia destes, um dos nossos roceiros, encantado com a novidade, comprou, quando voltava a sua residência, distante alguns quilômetros, certa quantidade de picolés, arrumando-os em um pequeno saco, que pendurou no arção da sela, com o fim de obsequiar a esposa. Imagine a cara do inocente quando chegou em casa, só com os pauzinhos e o saquinho molhado! Isso nos atesta, prezado leitor, que o povo icoense não foi bafejado pela sorte: se alcança um objetivo, precisa de outro mais necessário!

Arranjamos picolés, mas, onde encontrar embalagem para picolés?

*Associado da AABNB

Natal

Syllas Brasil Cordeiro*

O vai-e-vem dos acontecimentos nasce, cresce, se multiplica, evolui, decresce e acaba. Tudo passa e nada passa, tudo passa pela vida e nada pela conta.

Sim, vivemos num mundo complicado, difuso, complexo, mas, em contrapartida, cheio de amor, solidariedade, esperança e tudo mais que nos possibilita manter e solidificar nossa fé, fruto do Espírito Santo.

Estamos em pleno Natal, exaltado principalmente pelos cristãos, numa confraternização universal, quando o evangelho é praticado de diversas formas, prevalecendo os valores positivos, justamente aqueles que crescem e se multiplicam de maneira coordenada, equilibrada e objetivando, antes de tudo, a unidade entre todos, numa demonstração inabalável da segura e correta orientação dada pelos legítimos representantes do Cristianismo, sem os quais fica difícil uma convivência pacífica e adequadamente humana.

Sobretudo, façamos uma reflexão séria e sincera sobre Jesus, que é a melhor maneira de celebrarmos o Natal, refazendo as energias espirituais, pensar em vida que se reparte em amor, bondade, alegria, estendendo-se depois pela eternidade.

Natal é tempo de abandonarmos a falsidade, a hipocrisia, a mentira e tudo mais que concorre e impede a nossa felicidade.

Natal é vida que se espalha, brota pelos cantos do mundo, floresce e frutifica nos corações das pessoas de boa vontade.

Façamos sim, um bloco único, com aquela intenção e propósito, reclinando-nos sobre a manjedoura de Belém e deslumbremo-nos diante da majestade "do Menino-Rei".

Esqueçamos por um pouco os presságios, os desentendimentos, a insensatez e olhemos para o florescer, frutificar, expandir as ramagens e abraçar o próximo, fornecendo-lhe

sombra, alimento e abrigo.

Finalmente, Natal é ver no próximo um irmão e ver no irmão a face de Cristo.

Que Deus nos abençoe, não só neste dia Santo, mas por toda a eternidade.



*Aposentado do BNB

O Calçadão de Aracaju

Laurindo Ferreira*

Uma sexta-feira comum para os aracajuanos. Praia 13 de Julho. Cinco horas da manhã. Aquela beiramar apinhada de caminhantes apressados. Outros com passos lentos. Um pouco de tudo, num alvorecer em festa! O arrebol do amanhecer já se deixava visualizar, mostrando toda a sua beleza! Os últimos amantes do álcool batem em retirada, temendo o efeito do sol à sua ressaca. As últimas mulheres de "vida fácil" abandonam o local de trabalho, por já não ser factível mais um cliente.

Pelo observar, a obesidade e o preparo físico, a preocupação maior de quase todos. Algumas sessões de alongamento. Senhor de meia-idade tenta empurrar um poste, não se sabe para onde! Mais adiante, jovem senhora experimenta, inutilmente, encostar o calcanhar na nuca, chegando a ser ridícula.

Belo espetáculo, naturalmente! Senhores da terceira-idade ensaiam uma corrida que não passa de um leve chouto, mal comparando à andadura de um equino sem raça definida, longe, por exemplo, de um mangalarga marchador.

No Calçadão de Aracaju, alguns turistas pareciam dolarizados! Outros até metiam medo. A sua aparência lembrava os carcarás que "pegam, matam e comem". À nossa vista, quem sabe, talvez, lobos em pele de cordeiro, ou salteadores fardados de "coopistas".

Mais para um lado, um turista longevo, de bermuda, camiseta amarrada na cintura, deixa mostrar

no seu corpo a crueldade das marcas do tempo, que o próprio tempo não ousa amenizá-las, tampouco a ciência dispõe ainda de recursos para apagá-las em definitivo.

Ali os turistas e habitantes locais oferecem a face para a brisa fresca que vem do encontro do rio com o mar, e, coletivamente, saboreiam o prazer de respirar o ar puro que lhes oferece a natureza. Mais à frente, junto a uma barraca de venda de coco verde, uma parada obrigatória para muitos. Nessa hora, aquele local e o caminhar em grupo se transformam num corredor de informações. Por sinal, muita conversa! Possível perceber alguns diálogos, mesmo de forma incompleta.

Mais em frente, dois senhores falavam de política, em especial da reeleição de Lula, com resultado incontestado no segundo turno. Também, impossível deixar de identificar os funcionários públicos que, com voz exaltada, esbravejavam e xingavam o governo pela falta de melhor reajuste nos salários.

Outro punhado de pessoas prefere falar de esporte. À frente, um grupo de jovens verbaliza o aperreio de uma viagem sem roteiro planejado e sem hotéis predefinidos para os pernoites - quanta insensatez e aventura juntas!

Nas mensagens das camisetas muita criatividade! Até mereceriam uma tese, ou um ensaio, pelo menos. Elas falavam de tudo. Algumas, pela inteligência do seu patrocinador, transformavam os seus usuários em

outdoors em movimento. Outras com mensagens religiosas louvavam a sabedoria Divina!

Antes de tudo, o Calçadão de Aracaju é um despertar alegre! E, naquele dia, "euzinho", ali, observando e pousando de coopista. Mas, depois de uma hora, a fome dá sinal da sua presença. Ofereço-lhe uma água de coco, tentando satisfazê-la. Ela, esperta, não se deixa enganar. Pois, o líquido adocicado não passa de modesta babugem. Na verdade, àquela hora, ainda muito cedo para a cerveja e o caranguejo.

Diante dessas razões, não houve outro jeito senão a despedida do Calçadão da Praia 13 de Julho, rumo à casa de um amigo, aceitando-lhe o convite para um desjejum à moda sertaneja. Lá, quanta fartura! Macaxeira com mel de abelha, doce de jaca e jabá, beiju com carne-de-sol, canjica e pamonha, coalhada, queijo, e ainda de quebra o cuscuz com leite de vaca, mistura largamente presente na mesa sergipana.

Nesse momento, através dessas iguarias, por segundos, com a retina da minha imaginação, volto a enxergar o sertão da minha mocidade! Aquela terra, meu berço, onde cada palmo de chão representa o meu mundo, com suas veredas e caminhos marcados com as plantas dos meus pés ou com as patas do meu pequeno alazão!

*Associado da AABNB

O Vendedor de Ilusões

Mairton Menezes*

*Perdido nas sombras da fantasia
De léu em léu transita o sonhador
Seu mundo é povoado de magia
Ele é poeta, é sonho, é trovador*

*Em cada praça vende devaneios
Em cada rua despeja seu delírio
Em cada esquina guarda seus anseios
Em cada bar sufoca seu martírio*

*Assim vive o mercador de ilusões
Vendendo quimeras, tecendo loas
Alimentando frágeis corações*

*Mas sua vida é um palco virtual
Sem público, sem luz e sem atores
Mas continua o doce ritual...*

* Associado da AABNB



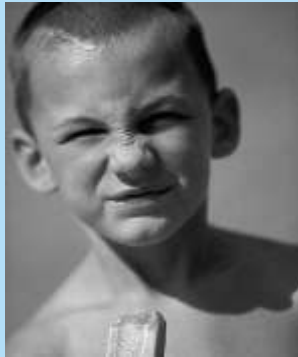
Saudade do Menino

Jairo D' Ávila*

Oh, que saudade do menino filho do professor!
...que nas tardes mornas do sertão sofrido
soltava papagaios ao sabor do vento Aracati.
Do menino veloz que corria pelas ruas esburacadas do
vilarejo sem calçamento e sem luz elétrica.

Oh!...que saudade das noites de luar, das serenatas, da
cantiga dos sapos nas madrugadas inverniais distantes.
Saudade das estradas, serpentes brancas e sinuosas, do
menino ingênuo que sentado no patamar da igreja ouvira
- temeroso - estórias de lobisomen e de assombração.

Saudade das cadeiras nas calçadas, com a brisa chegando
amena e sutil, das bandas do Valentim.
Serra das Almas, Alto do Capim, Vassouras, Boa Vista,
Serra do Feijão, Pedra da Andorinha, Bico do Papagaio.
Jurema, Bom Jesus, Macaranjipe, Santa Maria...



nomes que povoam a infância, tão distante, do
menino magro, pernas finas e calças curtas

* * *

Hoje, nas madrugadas insones, um outro ser
(maduro e tão sofrido!...) regressa no Tempo e
se vê magro, pernas finas e calças curtas, o
filho do professor.

A vida, pela pouca felicidade ofertada, ainda
cobra-lhe juro perdulários - e ele os paga em
silêncio...

Mas por que, meu Deus, esta saudade infinda
e esta dor imensa teimam em permanecer no
peito do homem que morre de Saudade do
Menino?!...

* Associado da AABNB

Zefa Lavadeira (Trecho de A mulher obscura)

Jorge de Lima*

Uma trouxa de roupa é um mundo
de anáguas, de corpinhos, de fronhas, de
lençóis e toalhas servis; em resumo, de
homens e suas preocupações.

E qual é a maior força desse
mundo? Onde o segredo das suas
atividades?

- Olha o amor, Zefa, - olha os
lençóis - torna-nos semelhantes aos
deuses, faz vibrar em nós o poema dos
plasma que nele se geraram. Por eles,
retrocedendo pelo caminho de certas
memórias obscuras, voltamos às Forças
primeiras, às Energias inteligentes.

E desfazendo aquela trouxa de
roupa com o desembaraço de Jeová,
compondo e recompondo um caos,
mostra-me peça por peça, todas aquelas
forças mencionadas, lodos ou salivas do
Espírito que **adejou**.

Mas Zefa deu um **muxoxo**,
arrepanhando as fraldas, arrastando os
pés. Zefa não tinha antenas para a torrente
declamatória interior de minha juventude
em dias de convalescença.

Pela vereda que vinha do rio, surgiu
cantarolando uma cafuza nova, com o
pote à cabeça, o braço erguido, segurando
a rodilha.

E senti-a em tudo: na algazarra dos
ramos, na toada das águas despenhadas,
nos vegetais **variegados** como arraias, no
tumulto dos seres que sofrem, amam e se
perpetuam correndo a vida.

Josefa-lavadeira, porque se julga a
sós, vai despindo as belezas selvagens de
ninfa cafuza.

No remanso em que bate a roupa, há
bambus e ingazeiros pelas margens.
Josefa entra no caudal até as coxas
morenas, a camisa arregaçada, o cabeção
de crochê impelido pelos seios duros,
tostados de **soalheiras**.

O braço valente arroja o pano
contra a pedra de bater, e axila cobre-se e
descobre-se, piscando a tentação de
arrochos e rendições cheias de saciedades.
Aqui, toda lavadeira de roupa é boa
cantadeira. A cantiga é uma corruptela de
velhas toadas num tom **langoroso**,

alimentado de sofreguidões, de desejos
incontidos, e de lamentações
incorespondidas. Depois de lavar a roupa
dos outros, Zefa lava a roupa que a cobre
no momento.

Depois, deixa-a corando sobre o
capim. Então Zefa-lavadeira ensaboa o
seu próprio corpo, vestindo o manto de
pele negra com que nasceu. Outras Zefas,
outras negras vêm lavar-se no rio. Eu
estou ouvindo tudo, eu estou enxergando
tudo. Eu estou lembrando minha
infância. A água, levada nas cuias, começa
o ensaboamento; desce em regatos de
espuma pelo dorso, e some-se entre
nádegas rígidas. As negras aparam a
espuma grossa, com as mãos em concha,
esmagam-na contra os seios pontudos,
transportam-na, com agilidade de **símios**,
para os sovacos, para os **flancos** quando a
pasta branca de sabão se **despenha** pelas
coxas, as mãos côncavas esperam a
fugidia espuma nas pernas, para conduzi-
la aos sexos em que a África parece dormir
o sono temeroso de **cam**.

Glossário

Adejou: Passar de leve, roçando.

Muxoxo: Estalo com a língua e o
céu da boca.

Soalheiras: Bem banhado de sol.

Símios: Macacos, bugios.

Arrepanhando: Puxar, repuxar, fazendo
dobras ou rugas em.

Variegados: Variados, diversificados.

Langoroso: Voluptuoso, sensual.

Flancos: Cada uma de duas regiões
abdominais laterais.

Cam: Filho de Noé.

Despenha: Correr precipitadamente.

* A pedido do Associado Nilo Tinoco Miranda